

“...O que é o ‘eu’? Só um hóspede passageiro, cujas preocupações são todas como uma miragem no grande deserto.”

A frase faz parte das Cartas dos Mahatmas, e está no primeiro parágrafo da Carta 47, na edição brasileira. E cerca de 200 anos antes, o padre Manuel Bernardes perguntava-se em Portugal:

“Que coisa é o homem neste mundo? Comediante no tablado, hóspede na estalagem, uma candeia exposta ao vento, padecente caminhando para o suplício. Que são as honras e dignidades? Essa real: por fora brasões e telas e luzes; por dentro ripas de pinho, e lixo.”

As palavras são do livro “Luz e Calor”, de Bernardes (1644-1710). Foram impressas em Lisboa na década de 1940 no Bilhete Postal reproduzido acima (veja a foto). Um dos milhares de exemplares foi colocado no correio em Lisboa no dia 15 de fevereiro de 1949 para o sr. J. Pais Júnior, e hoje pertence à biblioteca da Loja Independente de Teosofistas.

Não há dúvida de que as grandes verdades universais são potencialmente populares em todos os lugares e a qualquer momento da História. Um simples cartão postal pode ensinar a mais autêntica teosofia, e se recuarmos mais alguns séculos veremos Santo Antônio de Lisboa escrevendo, no alvorecer do século 13: **“Que é a nossa vida? Um vapor que aparece por um instante e que em seguida se desvanece.”** (Obras Completas, vol. I, p. 372)

000

Fontes Orientais da Sabedoria Cristã

Um Estudo Comparado Sobre a Arte de Agir com Ética

A ideia de agir corretamente não está presa a uma religião ou filosofia apenas. Todas as formas de sabedoria desembocam na ética, isto é, na arte de agir corretamente. Para isso é necessário compreender o que é certo e errado, e optar pelo que é justo.

Há uma mesma ética e uma sabedoria universal comuns às mais diferentes crenças e linguagens religiosas. A percepção desse fato elimina gradualmente as *causas* de fenômenos sociais como intolerância política ou religiosa, guerras, terrorismo, crime organizado e falta de ética.

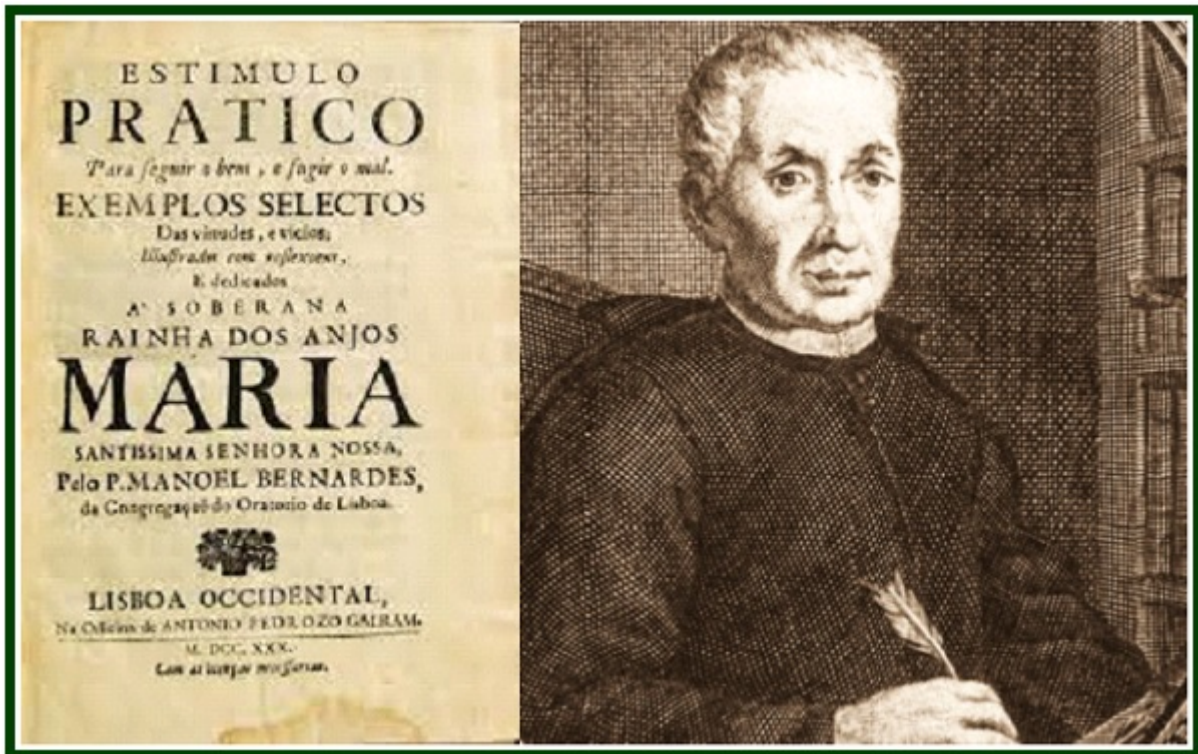
Rompendo os muros da crença compartimentada e cega, o estudo comparado das religiões faz com que a má vontade entre os seres humanos desapareça de modo natural, como resultado prático da ampliação de horizontes.

A visão não-dogmática mostra quantas coisas a tradição cristã absorveu de religiões e filosofias mais antigas que ela. Não há por que ficar limitado a uma só religião. Todas elas têm algo a ensinar. Quando vamos além do pensamento infantil segundo o qual apenas uma religião é autêntica, nosso refúgio dogmático é abandonado e percebemos a extensão da nossa ignorância.

[Clique para ler ‘Fontes Orientais da Sabedoria Cristã’](#)

000

Manuel Bernardes Explica a Justiça Divina **A Lei do Carma na Mística Ocidental**



A página de abertura da obra “Estímulo Prático”, edição de 1730, e o seu autor Manuel Bernardes

Os bons místicos da tradição católica ensinam claramente a lei do carma, usando porém a linguagem bíblica.

Em seu livro “Estímulo Prático Para Seguir o Bem”, Manuel Bernardes diz que “a paciência de Deus para com os pecadores” tem um certo limite. Quando o abuso chega a um determinado ponto, acrescenta, “Deus encerra as contas e procede ao castigo”.

Bernardes cita o exemplo de um ladrão astucioso que, no seu momento mais confiante, já havia furtado alguma coisa de quase todos os homens ricos da sua província. Orgulhoso, ele tinha os nomes das suas vítimas listados em um livro-caixa. Ao lado de cada nome anotava o que a futura vítima lhe “devia”, isto é, o que esperava roubar da pessoa.

O repetido êxito do ladrão planejador acostumou-o mal. Finalmente, levado pela cobiça, foi preso por um pequeno furto e julgado por todos os seus crimes. Dias depois, foi morto em praça pública. [1]

O ladrão havia passado da sua medida, explica M. Bernardes. “Bastou mais um pecado para que a ira de Deus se desatasse contra ele.” E Bernardes cita um poeta:

“Número determinado
tem o pecado; e não sabes

se para ser condenado
somente falta que acabes
de cometer um pecado.”

A “ira de Deus” é o nome simbólico cristão para a colheita cármica das ações erradas, chamadas de “pecado”. A “graça de Deus” é a colheita do carma das ações corretas e altruístas.

A “paciência de Deus” é o tempo necessário para a maturação do carma.

Ninguém sabe quanto tempo demora para que o bom ou mau carma amadureça. O indivíduo sensato procura discernir o certo e o errado, trata de reduzir seus erros e de aumentar seus acertos.

NOTA:

[1] Do livro “Estímulo Prático Para Seguir o Bem, e Fugir ao Mal”, de Manuel Bernardes, cujo subtítulo é “Exemplos Seletos das Virtudes e Vícios, Ilustrados com Reflexões e Dedicados à Soberana Rainha dos Anjos, Maria, Santíssima Senhora Nossa”, e que foi publicado em Lisboa em 1730 na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, com 479 páginas. Ver p. 7. O notável místico Manuel Bernardes nasceu em 20 de agosto de 1644 e viveu até 1710.

000

O Evangelho Segundo Confúcio

Dez Pontos em Comum Entre os Analectos da China Antiga e o Novo Testamento Cristão

A sabedoria cristã é uma compilação de ensinamentos religiosos e filosóficos anteriores.

O que o cristianismo tem de melhor e de mais valioso foi retirado da tradição judaica e da sabedoria pagã, oriental e ocidental. O fanatismo autoritário do clero cristão, porém, é mais recente. Surgiu com o alvorecer da Idade Média.

O Jesus do Novo Testamento não fundou igreja alguma nem estabeleceu rituais. A narrativa dos Evangelhos mostra que ele questionou as autoridades eclesiásticas do seu tempo. Após chamar os sacerdotes de “sepulcros caiados”, Jesus foi considerado herege, preso, e torturado até a morte.

Poucos séculos depois, os seguidores de Jesus se aliaram ao poder imperial romano e começaram a torturar e a matar em nome de Deus.

Foi o cristianismo fanático que deu origem ao antissemitismo - um ódio sistemático ao mesmo povo judeu em que nasceram tanto Jesus como os seus discípulos diretos, todos.

A tradição de rancor autoritário antijudaico foi radicalizada pelo nazismo de Adolf Hitler, um líder político que cultuava a morte e contava com o apoio das igrejas alemãs de seu tempo. Apesar de seus inúmeros crimes contra a humanidade, Hitler jamais foi excomungado ou mesmo criticado, enquanto viveu, pelo papa de Roma.

Sempre é possível renovar-se, e a religião que tem Jesus como Mestre não é uma exceção. Para renascer em espírito, o cristianismo deve descartar no século 21 o autoritarismo burocrático e optar pela sabedoria universal. Ainda existe uma sabedoria cristã, que pode ser reavivada: e ela tem suas raízes no mundo pagão. Entre as fontes do conhecimento ensinado no Novo Testamento estão, além do judaísmo, o pitagorismo, o neoplatonismo, o budismo e o confucionismo.

Clique e leia
‘O Evangelho Segundo Confúcio’

000

A Teosofia de Santo Antônio **Três Pontos em que a Cristandade** **Segue a Sabedoria Oriental Antiga**



O Dia de Santo Antônio é comemorado em 13 de junho

1. A Primeira Nobre Verdade de Buddha

O peregrino espiritual aceita o sofrimento como parte da realidade, enquanto os desinformados vivem no mundo da fantasia.

A dor é a primeira nobre verdade no ensinamento de Buddha. Alegria e sofrimento se alternam de acordo com a lei da simetria. No mundo cristão, Santo Antônio de Lisboa e Pádua cita o Evangelho e escreve:

“O mundo alegrar-se-á, e vós estareis tristes, mas vossa tristeza se transformará em prazer, e o prazer do mundo se converterá em tristeza”.

Antônio explica:

“Os santos doem-se, de fato, e gemem por causa de todas as abominações cometidas em todo o mundo. E tu Babilônia, mãe de fornicações, serás deixada como inocente? Não serás inocente, mas ao beberes neste século o vinho do prazer, beberás no outro o vinagre do inferno”.

Em outras palavras, a lei do carma estabelece a seguinte regra: “todos por um, e um por todos”. O que cada ser faz repercute, bem ou mal - cedo ou tarde -, sobre todos os outros.

O inferno significa enfrentar o carma dos erros acumulados.

Todos os seres carregam a cruz do mundo, ou seja, o carma coletivo. O indivíduo imaturo pode andar à custa dos outros durante algum tempo, mas na hora certa terá de prestar contas pelo que fez e pelo que deixou de fazer.

O cidadão de boa vontade e o buscador da sabedoria devem partilhar do carma do mundo sem ceder à onda cega da ignorância organizada, mas preparando, ao invés disso, o novo amanhecer, o futuro mais iluminado. Isso significa sacrifício.

Antônio cita S. Gregório:

“Se é tamanha a fraqueza da vida mortal que nem os justos, que devem ser coroados no céu, passam aqui a vida sem trabalhos, por causa do acúmulo inumerável da miséria humana, quanto mais aqueles que são excluídos da glória celeste?” [1]

E, pouco mais adiante:

“Os santos, na peregrinação deste exílio, são esmagados, aflitos, angustiados. O mundo não é digno deles.”

Para Antônio, “todos somos estrangeiros, porque [somos] doutra parte, isto é, do gozo do paraíso vimos para a miséria deste exílio.” [2]

O gozo ou prazer do paraíso é a bênção prolongada do Devachan, a parte elevada e duradoura do período entre duas encarnações.

A primeira parte da infância mostra ainda o caráter puro e a bem-aventurança da vida celeste que antecede o nascimento. Por isso os sábios têm uma semelhança com as crianças.

A teosofia de Helena Blavatsky ensina que o tempo do Devachan é com frequência quinze ou vinte vezes, e mesmo trinta vezes mais longo que o tempo da vida física. Por isso afirma-se no cristianismo popular que “o paraíso é eterno”. É eterno, sim, mas não infinito. Chega um momento em que ele acaba e a pessoa precisa nascer de novo para aprender mais.

Portanto somos estrangeiros no mundo físico: somos hóspedes. Passamos a maior parte do tempo em outro plano da consciência. Estamos aqui de passagem para fazer algumas coisas úteis e absorver umas lições novas. Seja como corpo ou como espírito, fazemos parte da grande onda de vida sagrada em sua longa espiral evolucionária.

A ressurreição dos cristãos é a reencarnação dos teosofistas.

2. O Espírito da Sinceridade

O lema do movimento teosófico moderno é “Não Há Religião Mais Elevada que a Verdade”. O axioma faz parte da antiga tradição hindu.

É fácil observar que todo país, agrupação humana ou mesmo relacionamento degenera pela intenção astuciosa, e renasce e regenera pelo espírito da verdade. A base de qualquer conhecimento real está na honestidade da fala e do pensamento.

Santo Antônio de Lisboa escreveu:

“A fascinação das frivolidades é o louvor da lisonja, ou engano da prosperidade mundana, que escurece os bens espirituais (...). Mas quando vem aquele Espírito de verdade que ilumina o coração do homem, então [ele] ensina toda a verdade e expulsa toda mentira.”

“Anjo do Senhor” e “graça do Espírito Santo”, na linguagem cristã, são energias divinas da alma imortal ou eu superior. “Pecador” significa o ser humano em seu estado imperfeito atual, ou seja, o aprendiz. “Compunção” é o arrependimento dos erros cometidos.

Antônio afirma:

* “Quando o Anjo do Senhor, isto é, a graça do Espírito Santo, desce ao coração do pecador, move-se o espírito com a água da compunção”. Então o verdadeiro peregrino fica curado.

* “[O peregrino] deve ser um, não dividido de coração e de boca. Portanto, quando vier o Espírito de Verdade, ensinará, isto é, inspirar-vos-á toda a verdade.”

* “...O homem não pode praticar uma obra perfeitamente boa sem o Espírito de verdade.”

O “espírito envelhecido dos maus dias” é o clima cultural egocêntrico e decadente das sociedades materialistas.

* “O Espírito de verdade, se for enxertado no espírito envelhecido dos maus dias, o fará rejuvenescer e dar digno fruto de penitência [austeridade].” [3]

Diante da planta envelhecida das relações interpessoais e sociais viciadas pela ilusão da astúcia, o teosofista e o cristão, assim como todas as pessoas honestas, estão convidados a colocar o enxerto regenerador da sinceridade, que traz consigo o Espírito do amor ao que é verdadeiro.

3. Vida Simples é Melhor que Esbanjamento

Em determinado sermão, poucas linhas depois de citar os filósofos Cícero e Sócrates, Santo Antônio escreve:

“Nas provações deste século choram todos os bons e alegram-se os amantes do mundo”.

Em outras palavras, diante das tentações da vida diária, os amigos da ilusão se alegram e os sensatos permanecem afastados.

Antônio prossegue:

“De ambos escreve Isaías (Is 22,12-13): ‘O senhor dos exércitos convidou-nos ao gemido e ao pranto, a rapar a cabeça e vestir-nos de saco. Eis em que consiste o prazer e a alegria, matar novilhos, degolar carneiros, comer carne e beber vinho. Comamos e bebamos porque amanhã morreremos.’ Todos os justos pela graça de Deus são convidados ao gemido da contrição e ao pranto da confissão; a rapar a cabeça, ou seja, à renúncia dos bens temporais, e a vestir-se de saco, isto é, à aspereza da penitência.”

“Contrição” é o arrependimento dos erros que nos afastam da nossa própria alma espiritual. “Confissão” é a prática da observação e da correção dos nossos erros e falhas. “Penitência” é a austeridade, a abstinência de prazeres materiais, considerada essencial em teosofia clássica e ensinada nos Aforismos de Ioga de Patañjali.

A esta altura, o monge resume de modo simbólico a cena da humanidade mais desinformada:

“Mas os amantes do mundo vivem no prazer e na alegria do pecado, inebriados pela gula e pela luxúria. Esta é aquela Babilônia, de que há concordância no Apocalipse: Vi, diz S. João, uma mulher sentada sobre uma besta da cor de escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, que tinha sete cabeças e dez chifres.” [4]

Em cada estágio da evolução humana, tem sido sempre necessário optar entre a vida simples dos sensatos e o esbanjamento cego dos que não possuem discernimento.

NOTAS:

[1] As citações feitas até aqui são das pp. 382-383 do volume I de “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, Lello & Irmão, Editores, Porto, Portugal, 1987, edição bilingue (latim e português) em dois volumes.

[2] “Obras Completas”, volume I, p. 384. Nas citações acima, a linguagem medieval foi adaptada quando necessário.

[3] As citações feitas no fragmento acima são do volume I de “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, Lello & Irmão, Editores, Porto, Portugal, 1987, edição bilingue (latim e português) em dois volumes. Veja a p. 434, exceto no caso desta última citação, que é da p. 435.

[4] “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, Lello & Irmão Editores, Porto, Portugal, 1987, volume I, p. 377.

000

Releia o texto de capa da nossa edição de abril de 2021, intitulado “A Devoção Popular a um Santo: Tenente-Coronel Santo Antônio”. Reveja o artigo “Santo Antônio de Lisboa: O Tabernáculo da Consciência”, publicado na edição de maio de 2021, p. 11.

000

Os Ciclos de Trabalho e Descanso no Universo



Em reunião dia 8 maio passado no MEET do Google, alguns dos associados da Loja Independente de Teosofistas estudaram o tema do Pralaya. O assunto é abordado em um capítulo decisivo de “A Doutrina Secreta”, de H. P. Blavatsky. [1]

O trecho já está traduzido da versão original de 1888, mas ainda não foi publicado.

Assim como as almas humanas, tanto o Universo quanto o nosso sistema solar e a Terra também reencarnam, isto é, alternam períodos de atividade e de sono, de exteriorização e interiorização, de expansão e retração.

Portanto, a metáfora “científica” do chamado “Big Bang” não oferece um relato do Único início do cosmo, mas relata apenas uma das versões de **UM** dos reinícios cíclicos do cosmo. Aliás, a hipótese do “Big Bang” apresentada pelos cientistas é tão vaga como uma lenda indígena brasileira qualquer, mas veremos isso em outra oportunidade.

O fato é que os períodos ativos do cosmo e do planeta são chamados de Manvântaras. Os períodos de repouso são os Pralayas.

Na avaliação geral do tema do Pralaya, cabe destacar o seguinte fato.

À medida que o Pralaya é descrito nos seus detalhes, pode ficar um quadro de aparente “desolação” na mente do leitor inexperiente; mas há um detalhe fundamental que afasta o sentimento de perda ou desânimo: as consciências se reúnem todas gradualmente e se recolhem a um NIRVANA (uma bem-aventurança) que durará até o próximo Manvântara. O

Pralaya é uma vitória do Espírito Universal em seus vários níveis. O pralaya ocorre quando os Espíritos constatarem que fizeram o que precisavam fazer e afastam-se, deixando que o antigo cenário material da sua vida se desfaça devido ao abandono.

Transcorrido o pralaya, um novo manvântara reconstruirá então Maya, a “ilusão” de um universo objetivo. Será um cenário novo e mais adequado para a coletividade de Espíritos. Para a Teosofia, a verdade durável não está no Manvântara, que é provisório, nem no Pralaya, que é provisório, mas na alternância entre Manvântara e Pralaya, atividade e sono; porque esta alternância é eterna.

O espaço-tempo absoluto inclui as duas coisas.

Num dos seus sermões, Santo António de Lisboa cita uma afirmação do Cristo cósmico no Apocalipse:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o que era e o que há de ser”. (Obras Completas, S. António, volume I, p. 331)

O discipulado ou aprendizado da alma consiste em grande parte em compreender a relação entre o humano e o absoluto, entre o ser individual e a Lei Cósmica que ultrapassa os manvântaras e os pralayas.

Em outras palavras, o discipulado é uma marcha pela qual o aprendiz expande sua percepção até construir uma relação mais direta e mais inteligente com o Cosmo. As iniciações do discipulado (grandes e pequenas) são expansões de consciência. Através delas nasce uma autoidentificação do indivíduo com o todo universal. Veja, a respeito, o [Diagrama de Meditação](#) de HPB.

A autoidentificação com o Todo ocorre através do amor-que-compreende e da compreensão-que-ama. Há então um sentimento de amizade universal por tudo o que existe, mantendo-se a devida distância em relação aos detalhes, sempre sujeitos a correção desde o ponto de vista dos nossos limitados cinco sentidos.

NOTA:

[1] Trata-se da seção sete da parte II do volume I de “A Doutrina Secreta”. Em inglês, veja as páginas 368 a 378 do volume I de “[The Secret Doctrine](#)”.

000

**Clique para ver a Presença da
sabedoria Oriental no Cristianismo:**

O Mistério dos Templários

**A Verdade Sobre a Ordem
dos Cavaleiros de João Baptista**

Helena P. Blavatsky

000

Ideias ao Longo do Caminho

A Aura dos Livros Sagrados Muda a Atmosfera do Lugar em que Vivemos



As árvores e os livros são pontes de ligação com a vida infinita

* A fonte de bênçãos na consciência do peregrino não se mantém estável graças a algum muro artificial que a proteja separando-a da vida.

* A origem do bem-estar se mantém estável porque a alma experiente transcende o mundo pequeno dos apegos de curto prazo. Havendo independência diante dos fatos concretos, nada pode fixar-se ao centro de paz ou aprisioná-lo. A fonte do contentamento está na humildade. Quem somos nós para quereremos controlar circunstâncias?

* A paz é o estado essencial da alma. O alicerce da sabedoria está na modéstia de evitar grandes pretensões. Reconciliando-nos com o fato de que somos pessoalmente pouco importantes, encontramos nosso significado interior e nossa missão maior: a ligação silenciosa com aquilo que não tem nome, aquilo que é eterno e ilimitado, e onde mora o nosso espírito.

* Como nos situamos na escala do tempo? Lúcio Sêneca escreveu que o estudante de filosofia pode ter como amigos pessoais alguns dos maiores sábios de todos os tempos. A afirmação é correta. Podemos conviver com o próprio Sêneca, com Epicteto, com Musônio Rufo ou com o

imperador Marco Aurélio, olhando nossa vida dos dias atuais desde o ponto de vista da melhor filosofia estoica antiga. Temos como amigos potenciais todos os grandes pensadores clássicos.

* Através de “A Doutrina Secreta”, vivenciamos algo dos ciclos cósmicos e podemos conhecer em parte rondas e globos anteriores. A astrologia nos permite interagir conscientemente com os planetas mais próximos e com realidades vivas que estão além deles.

* O sistema solar nos mostra ciclos de duração muito amplos, pelos quais se guia o nosso planeta. Tanto a nossa noção de espaço como a nossa noção de tempo podem ampliar-se gradualmente cada vez mais, eliminando pouco a pouco da nossa vida a desnecessária estreiteza da visão imediatista.

* Se você usar uma quantidade suficiente de tempo na busca daquilo cuja importância é suprema, o resto tomará conta de si mesmo e os outros aspectos da vida se harmonizarão naturalmente.

* Um templo é qualquer espaço especialmente favorável para vivenciar o sagrado e elevar nossa consciência até algum patamar do mundo divino. Um bosque pode ser um templo. Desde tempos imemoriais, as florestas têm sido santuários e capelas para quase todos os povos. As árvores e os livros são pontes de ligação com a vida infinita, e um sábio axioma afirma: “Cada vez que você lê um livro, uma árvore sorri sabendo que há vida após a MORTE”.

* Uma pequena biblioteca reunindo obras sobre a sabedoria divina pode estabelecer um templo na casa de todo cidadão. A irradiação silenciosamente benéfica da aura dos livros que abordam o mundo sagrado transforma a vibração do lugar que habitamos. A substância física dos livros decorre das árvores. Assim como os bons livros, as plantas e as árvores que eventualmente nos rodeiem lançam sobre nós a sua influência protetora e vitalizante.

* Todas as formas de vida, diz Eliphas Levi, giram em torno da lei do equilíbrio criativo entre duas forças opostas. O movimento da vida resulta da predominância alternada dos opostos. O vazio contém o movimento, assim como o silêncio rodeia o som e o Espaço rodeia os universos. [1]

* A abóboda celeste, à noite - especialmente quando estrelada -, é claramente a abóboda do grande templo da natureza; e ela renasce e se reconstitui todos os dias. O por do sol e o nascer do sol são aulas sobre a renovação da energia divina. Quando temos olhos para ver, enxergamos a presença do sagrado perto de nós.

NOTA:

[1] Ver “Transcendental Magic, Its Doctrine and Ritual”, Eliphas Levi, Forgotten Books Edition, UK (Reino Unido), p. 200.

Perguntas e Respostas: **O Caminho Espiritual na Prática**

*Comentários a questões levantadas por amigos
que acompanham o trabalho da Loja Independente*

1. Convivendo com Pessoas que se Destroem

O que devemos fazer se alguém próximo a nós está optando por um comportamento prejudicial - vícios - que o puxa cada vez mais para o mundo denso? Diálogos suaves? Orações para o anjo da guarda da pessoa? Como agir?

Comentário:

O que se pode fazer depende do carma específico de cada um e da realidade da relação do teosofista consciente com o não-teosofista que cai no vício.

A análise serena é um passo inicial. Será que a pessoa que erra tem bondade? Tem bom caráter? Tem condições de resgatar a si própria? Há nela um impulso forte para o bem? Basta um empurrão para ela reagir? E qual será a natureza (e a profundidade) do vínculo com o teosofista consciente? Qual é o peso, a importância, que o teosofista consciente tem na vida do não-teosofista que está errando?

Às vezes o que mais ajuda quem erra é sentir que é tratado com o devido rigor e a necessária franqueza (e ao mesmo tempo com respeito).

Conforme for o caso, os fatores citados na pergunta e mais alguns outros podem funcionar bem. Os diálogos suaves, os diálogos duros, as orações para o anjo da guarda da pessoa (sabendo que o anjo da guarda é o eu superior), o endurecimento no convívio, a boa vontade e o otimismo infinitos, a perseverança na luta para resgatar a pessoa e o uso transparente de recursos da Psicologia psicanalítica são alguns exemplos. Leia "[A Arte de Cuidar de Alguém](#)".

Se nada funciona, a meta já não será resgatar a quem erra, mas resgatar a quem ajuda.

Cabe deixar claro - em primeiro lugar para si mesmo - que não se aceita a queda moral. O salva-vidas experiente sabe que em nada ajudará o afogado, se afogar-se junto com ele. O primeiro dever do salva-vidas é, portanto, não afogar-se ele mesmo enquanto trata de ajudar o afogado. Sua missão é não envolver-se indevidamente na desgraça, seja ela moral ou física. Deve ir até onde pode, e até onde a solidariedade seja eficiente. Terá de avaliar as suas forças e priorizar que fique garantida a sua própria pureza para consigo mesmo, evitando a contaminação da desgraça.

Em outras palavras, aquele que quer ajudar deve usar o seu discernimento. As decisões são pessoais, porque o carma é individual. Sobre o convívio sempre desafiante com situações moralmente erradas (individuais ou coletivas), leia "[Oração em Defesa da Minha Alma](#)".

2. Vendo Coisas de Olhos Fechados

Minha pergunta surge da leitura do texto “[Filosofia Esotérica Para Crianças](#)”.

O artigo afirma: “A passividade, em meditação, assim como ‘ver coisas’ de olhos fechados, produz efeitos nocivos para todas as idades, e especialmente na infância.”

Pergunto por que motivo ‘ver coisas’ é errado. E gostaria de saber se também é errado fazer visualizações por iniciativa própria.

Comentário:

Blavatsky e a teosofia autêntica em geral afirmam que é altamente prejudicial “ver coisas ou ouvir coisas do astral” no sentido passivo, porque isso deixa a pessoa indefesa e abre a porta para energias astrais inferiores que estão sempre dispostas a assumir a forma desejada pelo desinformado.

Se o aprendiz sem experiência e desinformado deseja subconscientemente ver um Mestre, a força astral inferior assumirá esta forma - e o inexperiente ficará maravilhado. Se o inexperiente deseja ver Nossa Senhora, acontecerá o mesmo, e assim sucessivamente. Isso abrirá as portas para outras energias mais diretamente destrutivas.

Qualquer teosofista experiente pode confirmar por si mesmo a importância desta advertência. Basta que observe o drama das pessoas que chegam ao movimento teosófico pedindo ajuda contra obsessões, medos subconscientes, telepatias indesejáveis e coisas semelhantes.

Por outro lado, é grande o número de teosofistas bem conhecidos que caíram na armadilha das sensibilidades astrais equivocadas.

Na década de 1890, William Judge procurou coisas extraordinárias, “quis falar com os Mestres”, perdeu o bom senso e logo caiu na ilusão de contatos imaginários com Mahatmas. Enquanto HPB viveu, Judge não “falou com Mestres”. Mas depois que ela morreu Judge começou a imaginar coisas. Não foi um exemplo isolado. Annie Besant fez erros muito mais graves que Judge. Ela iludiu-se até o ponto de anunciar que havia chegado ao Adeptado e era Mahatma. [1] Geoffrey Hodson conversava muito com “Mestres”, e os mestres fabricados pelo subconsciente do Geoffrey faziam grandes elogios pessoais ao suposto discípulo avançado, o que é totalmente contrário à realidade do discipulado segundo podemos ver nas Cartas dos Mestres.

Em relação ao perigo da ilusão astral, tanto Blavatsky quanto a teosofia autêntica em geral alertam para a necessidade da autorresponsabilidade em tudo. A mediunidade, portanto, deve ser evitada. O indivíduo sensato nunca se deixa levar por quaisquer inteligências desconhecidas. Pelo mesmo motivo a crença cega deve ser evitada em qualquer dimensão da vida. Podemos acreditar em algo que não conseguimos verificar diretamente, caso isso seja transmitido por alguém que mereça nossa confiança: mas isso será uma hipótese de trabalho e algo a ser verificado vivencialmente tão logo seja possível.

Para avançar por mérito próprio e evitar a perda da indispensável autonomia, é preciso evitar toda atenção indevida a “fenômenos curiosos”.

Cabe erguer-se calmamente até o alto, ou seja, até o plano do eu superior. E isso se faz desenvolvendo a vontade, que é o contrário da mediunidade.

A vontade própria protege e garante o bem-estar do indivíduo sensível - e mesmo do indivíduo sensitivo - em relação às ondas astrais nocivas e enganadoras. A vontade, naturalmente, deve estar ligada ao bom senso, ao discernimento, e à independência - com altruísmo.

3. Depressão, Vaidade e Autoimportância

As sensações de ouvir vozes ou ver coisas podem atrapalhar o aprendiz, desestimulando-o ou aumentando a sua sensação de autoimportância?

Sim. Penso que a depressão ou *desânimo consigo mesmo* tem como uma cura a **humildade**, e como uma compensação ingênua, a **vaidade**, a euforia consigo mesmo. Os dois extremos do desânimo e da vaidade são inseparáveis, um compensando o outro. O resultado é a dor, para si mesmo e para os mais próximos.

A solução está em observar e compreender o conjunto dos movimentos da “gangorra”, de modo a desenvolver o bom senso, que dá estabilidade.

Faltou bom senso a William Judge. Já Robert Crosbie e John Garrigues, os principais fundadores da LUT, em 1909, resgataram o movimento da situação confusa em que a crise dos anos 1890 o havia deixado.

O trabalho da LUT foi fundamental para que, em 2016, pudesse nascer a LIT - a Loja Independente. Assim como outros pensadores, Garrigues é uma referência para o trabalho da LIT. Robert Crosbie foi um teosofista extraordinário e trouxe simplicidade e veracidade ao movimento. Alice Cleather e o Visconde de Figanière são outras referências.

NOTA:

[1] Veja o artigo “[Besant Anuncia Que é Mahatma](#)”. Leia também “[Bispo Católico Visita Plantações em Marte](#)” e “[Fabricando um Avatar](#)”.

000

O texto acima é uma adaptação de diálogos com membros do grupo de estudos, em Google Groups, chamado “[Círculo de Estudo Sobre Discipulado](#)”. Convidamos os leitores a ingressarem nele: <https://groups.google.com/g/crculo-de-estudos-sobre-discipulado-ced>.

Veja também o artigo “**O Caminho Espiritual na Prática: Três Perguntas e Respostas**” na edição de maio de 2021 de “O Teosofista”, pp. 14 a 16.

000

- Agora, disse-me Urânia, designando com o dedo o lugar onde o nosso Sol terrestre havia desaparecido, regressemos à Terra. Mas, olha ainda. Compreendeste que o Espaço é infinito. Vais compreender que o Tempo é eterno.

Atravessamos várias constelações e tomamos o rumo da volta para o sistema solar. Vi, com efeito, aparecer novamente o Sol, sob o aspecto de pequena estrela.

- Vou dar-te por um momento, prosseguiu ela, senão a visão divina, ao menos a visão angélica. A tua Alma vai sentir as vibrações etéreas que constituem a luz, e saber de que modo a história de cada mundo é eterna em Deus. Ver é saber. Olha!

De igual maneira que o microscópio nos mostra a formiga do tamanho do elefante; que, penetrando até os infinitamente pequenos, nos torna o invisível visível; assim também, à ordem da Musa, a minha vista adquiriu, de súbito, um inesperado poder de percepção e distinguiu no Espaço, ao lado do Sol, que se eclipsou, a Terra, que, de invisível, se tornou visível. Eu a reconheci, e, à medida que a olhava, o seu disco ia aumentando, oferecendo semelhança com a Lua - alguns dias antes da fase do plenilúnio. Cheguei em breve a distinguir, nesse disco crescente, os principais aspectos geográficos, a mancha nebulosa do Polo Norte, os contornos da Europa e da Ásia, o mar do Norte, o Atlântico, o Mediterrâneo. Quanto mais fixava atenção, melhor via. As minudências se tornavam cada vez mais perceptíveis, como se eu houvesse mudado gradualmente de oculares microtelescópicas. Reconheci a forma geográfica da França, mas a nossa bela Pátria parecia inteiramente verde, do Reno ao Oceano e da Mancha ao Mediterrâneo, como se a cobrisse uma só e imensa floresta. Conseguia, entretanto, distinguir, cada vez melhor, as menores particularidades, pois os Alpes, os Pireneus, o Reno, o Ródano e o Loire eram fáceis de reconhecer.

- Fixa bem a tua atenção, disse minha companheira.

Pronunciando essas palavras, punha-me ao mesmo tempo na frente a extremidade de seus alongados dedos, como se tivesse querido magnetizar-me o cérebro e dar às minhas faculdades de percepção um poder maior ainda. Então sondei, penetrei mais atentamente ainda os detalhes da visão, e tive diante dos olhos a Gália da época de Júlio César. Era no tempo da guerra da independência, animada pelo patriotismo de Vercingetorix.

Via esses aspectos do alto, tal qual vemos as paisagens lunares com o telescópio, ou da barquinha do aeróstato avistamos uma região; mas reconheci a Gália, o Auvergne, Gergovia, Puy de Dôme, os vulcões extintos, e meu pensamento viu, reproduziu a cena gaulesa, da qual resumida imagem me chegava.

- Achamo-nos a tal distância da Terra, disse Urânia, que a luz consome para chegar de lá até aqui todo o tempo que nos separa da época de Júlio César. Aqui, recebemos, somente agora, os raios luminosos partidos da Terra naquele período. Entretanto, a luz viaja no Espaço etéreo com a velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo. É rápido, muito rápido, mas não é instantâneo. Os astrônomos da Terra, que estão agora observando as estrelas situadas à mesma distância em que nós nos achamos, não as avistam tal qual elas são atualmente, mas tal qual eram no momento em que partiram os raios luminosos que lhes chegam somente hoje, isto é, com o aspecto de mais de dezoito séculos atrás. Da Terra, acrescentou, nem de nenhum ponto do Espaço, jamais se avistam os astros no aspecto do que eles são, mas do que foram. Tanto mais atrasado se está sobre a sua história, quanto mais afastado deles se acha.

“Vós outros observais com o maior cuidado, ao telescópio, estrelas que não existem mais. Algumas mesmo dessas estrelas, que se avistam a olho nu, já não existem. Várias nebulosas, cuja distância é analisada com o espectroscópio, já se tornaram sóis. Muitas das vossas belas estrelas rubras estão presentemente apagadas e mortas: aproximando-vos delas, não as veríeis mais!

“A luz emanada de todos os sóis que pululam na imensidade, a luz refletida no Espaço por todos os mundos iluminados por esses sóis, leva através do céu infinito as fotografias de todos os séculos, de todos os dias, de todos os instantes. Olhando para um astro, só se vê o que era no momento em que partiu a fotografia que dele se recebe, tal qual, ouvindo um sino, só se recebe o som depois que partiu, e tanto mais tempo depois quanto mais afastado dele se está.

“Daí resulta que a história de todos os mundos viaja atualmente no Espaço sem jamais desaparecer absolutamente, e todos os acontecimentos passados estão presentes no seio do Infinito e são indestrutíveis.

“A duração do Universo não terá fim. A Terra há de acabar, e um dia não será mais do que um túmulo. Mas haverá novos sóis e novas terras, novas primaveras e novos sorrisos, e a vida florirá sempre no Universo sem limites e sem fim.

“Quis mostrar-te, continuou depois de uma pausa, quis mostrar-te de que modo o Tempo é eterno. Tinhas sentido o infinito do Espaço. Tinhas compreendido a grandeza do Universo. Agora, está feita a tua viagem celeste. Aproximemo-nos da Terra, e volta à tua Pátria.

“Quanto a ti, ajuntou ainda, fica sabendo que o estudo é a única fonte de todo o valor intelectual, e que o conhecimento do coração humano conduz à indulgência e à bondade; jamais sejas nem pobre, nem rico; livra-te de toda a ambição, e assim de toda a servidão; sê independente: a independência é o mais raro dos bens e a primeira condição de felicidade.”

Urânia falava com a sua voz suave. Mas, a comoção produzida por todos aqueles extraordinários quadros, de tal modo me abalara o cérebro, que fiquei subitamente possuído de grande temor. Um calafrio percorreu-me da cabeça aos pés, e foi sem dúvida o que ocasionou o meu súbito despertar, em meio de viva agitação... Ai! a deliciosa viagem celeste estava terminada.

Procurei Urânia e não a encontrei mais. Um límpido raio de Lua, penetrando pela janela do meu aposento, vinha afagar a orla de uma sanefa, e parecia desenhar vagamente a forma aérea do meu celeste guia; mas era apenas um raio de lua.

Quando, no dia seguinte, tornei ao Observatório, o meu primeiro impulso foi correr, sob qualquer pretexto, para o gabinete do Diretor e tornar a ver a Musa sedutora que me favorecera com tal sonho...

A pêndula havia desaparecido!

Em seu lugar, ostentava-se o busto, em mármore branco, do ilustre Astrônomo.

Procurei em outros compartimentos, e, a propósito de mil pretextos, até nos aposentos particulares; ela, porém, havia desaparecido.

Durante dias, durante semanas procurei, sem conseguir tornar a vê-la, nem mesmo saber o que era feito dela.

Tinha eu um amigo, um confidente, pouco mais ou menos da minha idade, embora parecesse um tanto menos moço por causa de sua barba nascente, mas do mesmo modo grandemente apaixonado do ideal, e mais sonhador ainda, talvez o único, além disso, de todo o pessoal do Observatório, com quem eu me havia intimamente ligado. Compartilhava das minhas alegrias e dos meus pesares. Tínhamos os mesmos gostos, as mesmas ideias, os mesmos sentimentos. Compreendera não só a minha adolescente admiração por uma estátua, mas também a personalidade com que a minha imaginação a animara, e, portanto, a minha melancolia por haver assim subitamente perdido a minha querida Urânia, no momento justamente em que mais preso a ela estava. Por mais de uma vez a admirava, comigo, e, sorrindo de meus êxtases, qual irmão mais velho, zombando mesmo, um tanto vivamente, às vezes, da minha paixão por um ídolo, ia a ponto de chamar-me de *Camille Pygmalion* [1]. No fundo, porém, eu via perfeitamente que ele a amava também.

Esse amigo, que aí! devia ser arrebatado algum tempo mais tarde, em plena flor da mocidade, o bom *Jorge Spero*, Espírito eminente e grande alma, cuja lembrança me há de ficar eternamente querida, era então secretário particular do Diretor, e a sua afeição tão sincera me foi testemunhada nessa circunstância, por uma atenção tão amável quanto imprevista.

Um dia, recolhendo-me a casa, vi, com espanto quase incrédulo, a formosa pêndula colocada em cima da minha chaminé, justamente defronte de mim!...

Era ela mesma! De que maneira, porém, se achava ali? Que caminho tomara? Donde viera?

Soube que o ilustre autor do descobrimento de Netuno a enviara, a fim de ser consertada, à casa de um dos principais relojoeiros de Paris, e que este, tendo recebido da China uma antiga pêndula astronômica do mais alto interesse, propusera a troca, que fora aceita; e que Jorge Spero, incumbido da transação, comprara a escultura de Pradier para oferecer-me, em lembrança das lições de matemáticas que eu lhe havia dado.

Com que alegria tornei a ver a minha Urânia! Com que felicidade saciei nela o meu olhar! Essa sedutora personificação da Musa do Céu nunca mais me deixou depois. Nas minhas horas de estudo, a bela estátua se conservava defronte de mim, parecendo recordar o discurso da deusa, a anunciar-me os destinos da Astronomia, dirigir-me nas minhas adolescentes aspirações científicas. Depois, emoções mais apaixonadas puderam seduzir-me, cativar-me, perturbar-me os sentidos; jamais, porém, esquecerei o sentimento ideal que a Musa das estrelas me inspirara, nem a viagem celeste em que ela me levou, nem os inesperados panoramas que desdobrou sobre a extensão e constituição do Universo, nem a felicidade que me deu, assinalando definitivamente ao meu Espírito as calmas contemplações da Natureza e da Ciência.

[FIM.]

NOTA:

[1] “Camille Pygmalion”. Jogo de palavras com o nome do autor, Camille Flammarion, e “Pigmalião”, o personagem da mitologia grega. Pigmalião era um rei, e também escultor. Desgostoso com a atitude libertina das mulheres do seu tempo, ele preferiu o celibato, e fez uma escultura representando a mulher ideal. Em seguida apaixonou-se pela estátua. Graças à interferência de uma deusa, Pigmalião foi levado a beijar a estátua. Quando isso ocorreu, a

obra de arte tornou-se mulher, e foram felizes. George Bernard Shaw escreveu uma peça famosa sobre o tema da “construção da mulher ideal”. Até certo modo, a construção do cônjuge ideal ocorre em todos os casais em que há amor profundo, porque viver é construir, e também é ensinar e aprender a partir de imagens ideais. (CCA)

000

Reproduzido do livro “**Urânia**”, de Camille Flammarion, Federação Espírita Brasileira, tradução de Almerindo Martins de Castro, Copyright 1937, quarta edição, 197 pp., ver pp. 35-41. Digitação e revisão: Arnalene Passos do Carmo e Silvia Caetano de Almeida.

A ortografia do texto foi atualizada. Em alguns poucos casos, palavras foram adaptadas para a linguagem do século 21.

Camille Flammarion (1842-1925) foi espírita e membro do movimento teosófico enquanto Helena Blavatsky vivia. Seus escritos são elogiados em uma das Cartas dos Mahatmas.

000

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 03 de junho havia 2876 itens em nosso [acervo](#), dos quais 22 estavam em [francês](#), 1324 em [português](#), 1307 em [inglês](#) e 220 em [espanhol](#). Havia três textos em [italiano](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 07 de maio e 03 de junho de 2021:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Santo Antônio e a Teosofia do Sol** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **Una Fiebre Kármica Global** - *Carlos Cardoso Aveline*
3. **The Alchemical Fire of Tao** - *Chang Po-Tuan* [poema]
4. **Deixando de Lado a Soberba** - *Carlos Cardoso Aveline*
5. **Thoughts Along the Road - 54** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **Las Civilizaciones** - *Mário Quintana* [poema]
7. **Primeiro Rei de Portugal Era Cavaleiro Templário** - *Carlos Cardoso Aveline*
8. **Como Ajudar Quem Partiu** - *Carlos Cardoso Aveline*
9. **The Kabbalist of Jerusalem** - *A. D. Ezekiel*
10. **The Aquarian Theosophist, May 2021**
11. **Thoughts Along the Road - 53** - *Carlos Cardoso Aveline*
12. **Una Cerilla Anticipa el Nuevo Día** - *Carlos Cardoso Aveline*
13. **O TEOSOFISTA, Maio de 2021**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org, <https://amazoniateosofica.com>, e www.TheAquarianTheosophist.com

000

